

**Áreas de ressaca em Macapá:
a realidade do bairro do Muca”¹**

Wanderson VIANA²

Elaide MARTINS³

Universidade Federal do Amapá – UNIFAP

RESUMO

Fruto das atividades práticas desenvolvidas na disciplina “Produção de TV” durante o primeiro semestre de 2013, do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), a reportagem “Áreas de ressaca em Macapá: a realidade do bairro do Muca” foi produzida com o objetivo de mostrar os principais problemas que marcam o cotidiano de quem mora em um bairro que tem, aproximadamente, 80% de sua área alagada. Pela total inexistência de equipamentos de TV no curso, foram utilizados um tablet (Ipad) e uma câmera fotográfica e adotou-se o estilo videoreportagem.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo ambiental; videoreportagem; área de ressaca; Macapá; Muca.

INTRODUÇÃO

O sítio urbano da cidade de Macapá encontra-se permeado por várias áreas de ressaca, entre as quais podemos citar: Lagoa dos Índios, ressacas do Beírol, Buritizal, Universidade, Novo Horizonte e Muca - este último é um bairro localizado na zona sul de Macapá e constitui-se o foco deste trabalho.

¹ Trabalho submetido ao XII Expocom Norte 2014, na categoria jornalismo, modalidade Reportagem em Telejornalismo (avulso)

² Acadêmico do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá; wand.viana@gmail.com

³ Orientadora do Trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. Elaide@unifap.br

A ocupação das áreas de ressaca na cidade de Macapá começou em meados de 1950. No entanto, é a partir de meados dos anos de 1980 que este processo se intensifica, fazendo com que a alteração na estrutura dessas áreas aconteça de forma cada vez mais acelerada. A degradação nas áreas de ressaca compromete nossa qualidade de vida, torna-se um perigo para a população, especialmente para quem habita esses lugares. As áreas de ressaca não têm manutenção regular nas passarelas, fomentando acidentes que causam fraturas e escoriações.

De acordo com as informações contidas no Censo Demográfico de 2010 (IBGE 2012), Macapá possuía um total de 398.204 habitantes, dos quais 385.524 concentram-se na área urbana e 12.680 na área rural. Em 2010, o Amapá possuía 48 aglomerados subnormais, denominação dada pelo IBGE às concentrações populacionais em áreas alagadas ou de ressaca, baixadas ou ainda palafitas⁴.



⁴ Palafita: Diz-se da casa construída acima d'água, de lago ou de terrenos alagados, sobre estacas fixas no fundo.

O último levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou que pouco mais de 108 mil pessoas vivem em áreas alagadas ou de ressaca. Esse total representa 19% da população amapaense. Macapá e Santana⁵ concentram 73% desses domicílios, mais da metade deles só na capital.

O bairro do Muca surgiu com a necessidade de ampliação de Macapá em 1988. Segundo arquivo pessoal de familiares, a Prefeitura viu nas terras do Sr. Antônio Guilhermino da Silva, conhecido popularmente como “Muca”, a oportunidade de criar um novo bairro. Antônio Guilhermino da Silva morava na área há mais de trinta anos, onde cultivava plantações e criação de porcos. A prefeitura o indenizou e criou o novo bairro. Em homenagem ao antigo dono, nomeou o bairro de Muca.

Apesar de a iniciativa ter sido do poder público, a área não foi preparada para ser bairro e sofre com sérios problemas de infraestrutura e de risco à saúde pública. O Muca tem, aproximadamente, 80% de sua área alagada e seus moradores vivem em casas que reproduzem o modelo de moradia de ribeirinhos⁶, ou seja, palafitas, as moradias



⁵ Santana: Segundo maior município do Estado do Amapá em quantidade de Habitantes.

⁶ Ribeirinhos: Pessoas que moram as margens de rios.

construídas sobre pontes de madeira. Por se tratar de uma ocupação irregular (principalmente por suas características ambientais), o bairro do Muca enfrenta problemas

típicos de ocupações dessa natureza, como a falta de energia elétrica, de água potável, esgoto, coleta de lixo e de outros serviços essenciais para o nosso dia a dia.

Ao procurar abordar essa realidade, este trabalho lança o olhar para uma importante questão socioambiental e, dentre a categoria do jornalismo especializado, volta-se para a prática do jornalismo ambiental, cujas pautas, como bem ressalta Bueno (2007), são comprometidas por essência.

A pauta ambiental é, essencialmente, comprometida. Comprometida com essa visão ampla de que há alguma coisa que precisa ser feita, de que há problemas e desafios a serem enfrentados, de que há interesses em jogo, e que o jornalismo e o jornalista podem desempenhar um papel fundamental na sua explicação. (BUENO, 2007, p.14)

O meio Ambiente passou a ser amplamente divulgado nos meios de comunicação a partir da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92), realizada na cidade do Rio de Janeiro em 1992.

O jornalismo ambiental, um dos braços do jornalismo científico, despertou interesse de pessoas no mundo inteiro, na medida em que os problemas ambientais passaram há ocupar mais tempo e espaço na mídia, principalmente nos telejornais. Durante e após a ECO-92, as emissoras de TV descobriram a existência de um público (telespectadores) bastante interessado em ciência - e que passa a entender que a problemática ambiental tem uma relação direta com o seu dia a dia.

OBJETIVO

O objetivo deste trabalho foi produzir uma reportagem televisiva que mostrasse os principais problemas e dificuldades enfrentados por moradores de áreas de ressaca em Macapá, tomando-se como exemplo o bairro do Muca a fim de chamar a atenção não só do poder público, mas também dos próprios moradores para a sua realidade. Ao retratar tais problemas e dificuldades, buscou-se, ainda, saber se e o que o poder público planeja para melhorar a vida das pessoas que habitam as áreas alagadas.

JUSTIFICATIVA

A escolha pela realização de uma reportagem se deu por ser um gênero nobre dentro do jornalismo e por ser tratado como a obra-prima do fazer jornalístico. Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), é na reportagem que o jornalista cumpre o papel de colocar-se entre o público e a veracidade dos fatos. “É na reportagem onde se contam, se

narram as peripécias da atualidade. Seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não-cotidiana ou na televisão, ela se firma como o lugar por excelência da narração jornalística” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.9).

No meio televisivo, um dos braços da reportagem é a chamada videoreportagem, que impõe ao profissional o grande desafio de fazer a reportagem individualmente - uma forma de atender às exigências de mercado do século XXI, onde um profissional é capaz de produzir sozinho todas as etapas da reportagem para TV.

A videoreportagem acontece quando se executa todos os elementos da captação e produção de informações para TV. Reportagem, texto, imagens, cuidados com áudio, edição, até ir ao estúdio para um bate-bola com os âncoras. Tudo num só dia, mostrando o trabalho realizado às vezes há poucas horas ou minutos. A matéria tem que fluir, mostrar interatividade. A ideia é levar o telespectador numa jornada sem truques típicos de edição (ALTIERI, 2003, p.16).

Assim, escolhemos a videoreportagem também como método por acharmos que seria uma interessante oportunidade de praticar as várias etapas do telejornalismo, desde a produção até a execução da reportagem em si, com a realização de entrevistas, captação de som e imagens, construção de texto, e locução, como também escolhemos a referida temática a fim de retratar a realidade não apenas do bairro do Muca, mas de milhares de moradores que vivem em áreas de ressaca na capital amapaense.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O Curso de jornalismo da Universidade federal do Amapá é o mais novo curso público de jornalismo no Brasil, fundado em 2011. Ao mesmo tempo em que seus alunos sofrem as limitações impostas pela falta de equipamentos e de laboratórios para as atividades práticas, realidade vivida, inclusive, por muitos cursos de jornalismo no Brasil, sejam novos ou antigos, eles também aprendem com a falta de infraestrutura técnica, que leva à busca de soluções, improvisações e ajuda a desenvolver a criatividade.

Neste trabalho, buscamos explorar ao máximo a criatividade a fim de encontrar alternativas para enfrentar e vencer dificuldades enfrentadas.



Para fazer nossa videoreportagem, realizamos as filmagens com uma câmera fotográfica Nikon D3100 (que não tem entrada para microfone, comprometendo a captação de áudio), captamos o áudio com um tablet (no caso, um Ipad) e fizemos a edição do áudio e vídeo com os programas Sony Vegas Pro 12.0. Aliado a essas técnicas e recursos, adotamos a videoreportagem. Este método nos proporcionou uma experiência marcante, desde o processo de construção da pauta, no manuseio dos "equipamentos de filmagem" ao fato de ir sozinho para rua, sem uma equipe para auxiliar na realização da reportagem, como também na elaboração do texto e roteiro e na edição da mesma.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para realizar a reportagem “Áreas de ressaca de Macapá: a realidade do Bairro do Muca”, procurou-se ouvir os diferentes lados envolvidos nesta problemática ambiental: moradores, especialista em meio ambiente e poder público. Também achamos importante contextualizar a temática, informando o período em que começou o inchaço populacional na cidade de Macapá e os principais motivos da ocupação destas áreas.

Primeiramente, conversamos com alguns moradores, entre eles a dona de casa Alcinelma Palmerin, moradora da área de ressaca do bairro do “Muca” há cinco anos. Em seu depoimento, ressaltou que é muito difícil a vida na área por não existir esgoto, coleta de lixo, água própria para o consumo e eletricidade - cujas instalações, na grande maioria,

estão em péssimas condições. São clandestinas e representam graves riscos à segurança dos moradores do local.

Também ouvimos o doutor em arquitetura e urbanismo, José Alberto Tostes, que explicou os principais motivos da invasão nas áreas de ressaca para fins habitacionais. Segundo o entrevistado, esse fato se deu a partir da criação do território do Amapá em estado, a criação da área de livre comércio de Macapá e Santana e dos Projetos de Exploração Mineral, que fizeram com que migrassem para o Amapá pessoas de várias partes do Brasil em busca de uma vida melhor.

Por outro lado, também ouvimos o Secretário Municipal de desenvolvimento Urbano e Habitacional, Éden Paulo, que abordou os planos da prefeitura para as áreas de ressaca em Macapá. Adotamos a estrutura clássica de off e entrevistas, resultando em um produto de quatro minutos e dezoito segundos de duração. Uma reportagem que despertou nosso olhar para a triste realidade dos moradores de áreas de ressaca na cidade.



CONSIDERAÇÕES

A realização da reportagem teve vários desafios que foram superados com muito esforço e criatividade. A falta de equipamentos adequados para a captura de áudio e de imagens foi um problema que tentamos suprir utilizando uma Câmera fotográfica emprestada para a realização das filmagens e um Tablet de uso pessoal para a captura do

áudio. Além disso, outro grande desafio foi o fato de ter realizado a matéria por meio da videoreportagem, dando conta de todas as etapas sozinho.

De modo geral, ainda que com muitas dificuldades no andamento do processo de construção da reportagem (até mesmo pelo local de realização da reportagem, com difícil acesso e muita falta de segurança), acreditamos ter alcançado o objetivo da produção, ou seja, vivenciar todas as etapas de uma reportagem televisiva que abordasse a questão ambiental e retratar os problemas que marcam o cotidiano dos moradores de áreas de ressaca em Macapá - um trabalho que nos revelou a importância da criatividade para a superação de desafios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, A. **Videografia: mitos e fatos.** São Paulo: Revista Imprensa, n.184, p.16 set./out. 2003.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: Teoria e Pesquisa.** São Paulo: Marajoara, 2007, p.14.

FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. **Técnicas de Reportagem: Notas sobre a Narrativa Jornalística.** 4 ed. São Paulo: Summus, 1986, p.9.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

Obs.: Trabalho disponível no YouTube através do Link:
<https://www.youtube.com/watch?v=xM0SDsq4V4I>